

3. O grande desejo

Para aprofundar o tema da vocação e da alegria, devemos meditar sempre sobre o episódio do jovem rico. É uma página do Evangelho que não diz respeito apenas ao início de um caminho vocacional, mas que deve sempre acompanhá-lo, porque cada dia, cada instante, cada passo que vivemos seguindo Cristo nos propõe novamente este drama. Este jovem, de fato, vai a Jesus cheio de desejo de plenitude de vida, de vida feliz: "Bom Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?" (Mc 10,17). É um jovem insatisfeito. Ele tem muitos bens materiais e tem uma vida honesta, virtuosa, que não transgride nenhum mandamento. Mas ele não está feliz. Ele entende que seu coração pede mais, pede algo muito maior, pede o infinito. Ele entende que a sua vida rica e virtuosa pede a eternidade, pede aquilo que não termina com a morte. Os bens materiais e as boas ações terminam com a morte, mas a vida pede algo que seja mais forte que a morte, pede a eternidade, pede para se tornar uma vida eterna. Pede, no fundo, "a santa Páscoa", como nos diz São Bento, ou seja, uma vida que venceu o pecado e a morte e que não morrerá mais.

É interessante notar que o jovem rico, antes de encontrar Jesus, estava certamente insatisfeito, mas não estava triste. Por quê? Porque a alegria ainda era o horizonte de sua vida, porque vivia em busca da alegria, da vida eterna, da plenitude da vida. Sentia em si mesmo uma misteriosa nostalgia daquela alegria do desejo espiritual da santa Páscoa de que fala São Bento. Sentia que tudo nele estava voltado a algo de grande, de belo, de eterno, e isso dava um sentido à sua vida, até mesmo às suas riquezas e ao seu comprometimento moral em guardar todos os mandamentos. A sua vida estava tensionada em direção a plenitude da vida e da alegria que Jesus realizará por nós no mistério pascal. Percebendo isso, o seu coração o tinha impulsionado com veemência, como se fosse lançado, em direção a Jesus: "Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou-lhe: 'Bom Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?'" (Mc 10,17). Tão forte era nele o desejo de vida eterna e a intuição de que em Jesus ele poderia encontrá-la, que quando o vê passar de longe, começa a correr como um louco, até cair a seus pés. O que o move não é tanto sua energia juvenil, mas aquele desejo, aquela pergunta que no final da corrida ele lança a Jesus: "Bom Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?". Tudo nele quer viver eternamente; tudo nele deseja a vida que só Cristo pode nos dar, como Ele a dará pouco depois deste episódio morrendo na cruz e ressuscitando.

No entanto, após o encontro com Jesus, esse jovem vai embora triste, de uma tristeza diferente daquela que sentia antes. Antes tinha uma tristeza plena de desejo, aberta ao infinito. Agora é como se algo nele tivesse se fechado. O Evangelho diz que "o seu rosto escureceu" (Mc 10,22), como se o seu rosto, o seu olhar, se tivessem fechado à luz. Vem à mente aquilo que escreve São João no momento em que Judas sai do Cenáculo para ir trair Jesus: "E era noite" (Jo 13, 30). No momento em que o jovem rico não quis seguir Jesus por medo de perder suas riquezas, apagou-se nele o desejo da vida eterna e, portanto, "a alegria do desejo espiritual da Santa Páscoa". Tudo na sua vida como que parou. Antes ele corria em direção a Jesus como uma flecha em direção ao alvo. Agora ele para e volta atrás. Tudo aquilo que ele tinha e fazia, até mesmo a fidelidade aos mandamentos de Deus, em vez de ser profecia de uma plenitude maior do que tudo, agora se tornou um muro de defesa contra o que ele antes buscava. Um muro de defesa contra a vida eterna, contra a alegria, isto é, contra Jesus que é em pessoa a vida eterna e a alegria infinita de cada homem. O jovem rico não renunciou a uma vocação específica, como se pode renunciar a

se tornar monge, sacerdote ou a casar-se e a ter filhos. Ele renunciou à vocação do seu coração, à vocação à vida eterna e à alegria do seu coração, do coração de cada homem. Com efeito, a nossa vocação particular não é outra senão a vocação do nosso coração. A vocação particular de cada um de nós é o caminho pelo qual o nosso coração é chamado a seguir até ao fim a sua vocação à vida eterna e à alegria de possuí-la, isto é, o seu desejo mais profundo.

A vocação monástica, desde o início, quando surgiu e se difundiu na Igreja após o tempo dos mártires, foi imediatamente entendida como a vocação cristã em que o chamado ao seguimento de Cristo é tudo. Em certo sentido, a vocação monástica é a vocação cujo conteúdo, escopo, tarefa não é outra que a própria vocação. Por isso, o episódio do jovem rico a descreve em modo essencial. Não sabemos que missão Jesus depois lhe confiaria. Provavelmente uma missão apostólica. Mas o Evangelho fala-nos da sua vocação essencial, coração de cada vocação: "Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, vem e segue-me". A vida monástica, embora ao longo do tempo tenha assumido muitas missões e obras, essencialmente concentra-se nesta vocação fundamental e universal.

Santo Antão, pai dos monges, é o grande paradigma desta vocação. Para ele, tudo começou quando ouviu na igreja a proclamação do Evangelho segundo Mateus, exatamente ali onde Jesus diz ao jovem rico: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me" (Mt 19,21).

Antão, então, entende que para viver esta vocação devia ir para o deserto, para a solidão. São Bento fará o mesmo: percebe este chamado a não viver outra coisa que o chamado de Jesus a deixar tudo para segui-lo, e parte em busca do deserto. Recebe o hábito monástico do monge Romano e imediatamente se retira por três anos na gruta de Subiaco.

Notamos, no entanto, que a vocação deles não era o deserto. Não era o deserto que os chamava. Eles escolheram o deserto como ambiente no qual a vocação para seguir Jesus pudesse ser tudo. O deserto para eles estava lá onde toda a sua vida, o seu coração, o seu corpo podiam se concentrar no chamado de Cristo a deixar tudo por Ele. De fato, depois de três anos, São Bento inclusive entendeu que o melhor ambiente para se concentrar sobre a vocação não era mais a solidão absoluta de Subiaco, mas a vida cenobítica em Montecassino. Isso porque a vocação que Bento seguia era o chamado de Jesus a estar com Ele e não uma forma de vida monástica abstrata.

A Igreja sempre precisou desta vocação. Sempre precisou de pessoas chamadas por Cristo a concentrarem-se sobre o chamado de Cristo, sem outro escopo ou tarefa que aquele de viver e testemunhar que ser chamados a estar com Jesus é uma vocação plena, que preenche a vida, que lhe dá sentido, que lhe dá, como diz Jesus, uma "perfeição": "Se queres ser perfeito... segue-me!" Perfeição não significa não ter defeitos, fragilidades e pecados. Ser perfeitos significa alcançar o propósito da vida, encontrar e permanecer com Aquele para quem nossa vida é feita e nos é dada. Ser perfeito, desde que Deus se fez homem e se deixou encontrar, significa seguir Jesus, estar com Ele em cada passo da vida, mesmo quando se cai, mesmo quando se tem que recomeçar todos os dias a dizer-lhe "sim" como se não tivéssemos progredido nem um milímetro. Porque a perfeição não está em nós, mas n'Ele; mais que isso: nossa perfeição é Ele mesmo, e se torna nossa quando nos apegamos a Ele.

O Evangelho do jovem rico é importante para provar que a alegria é essencial à vocação. A tristeza com a qual ele diz não à vocação de seguir Jesus faz-nos compreender que alegria e vocação andam de mãos dadas. Separá-las, pensar que uma pode seguir adiante sem a outra, é um erro não apenas psicológico, mas sobretudo teológico.